

Quem foi Melquisedeque?

1. Introdução.

Melquisedeque é apresentado como rei de Salém, provavelmente de Jerusalém (cf. Sl 76:3; Josefo, Ant I 180) e como sacerdote do Deus Altíssimo → (El Elyon, provavelmente uma divindade cananéia), o criador do céu e da terra (também um epíteto cananeu, Westermann 1979:243).

O nome de Melquisedeque aparece duas vezes no Antigo Testamento, Gen 14:18 e Sl 110:4, e oito vezes no Novo Testamento, Hebreus (onde o Sl 110:4 é citado ou aludido cinco vezes). O significado do nome é “meu rei é justiça” ou “meu rei é Zedek”; provavelmente “rei” se refere a uma divindade e “justiça” um atributo divino ou “Zedek” o nome da divindade (*malki`el*, Gen 46:17; Num 26:45; 1 Cro 7:31; e *malkîyâ*, e.g. Jer 21:1).

2. Realeza e sacerdócio eram comuns.

A combinação de realeza e sacerdócio não era desconhecida no antigo Oriente. Em uma inscrição fenícia (*KAI 13*) tanto *Tabnit* e *Eshmuneser* são apresentados como sacerdotes reais: “sacerdotes de Ashtarte e reis dos sidonios”.

3. Concepção de Josefo e Filo.

Josefo (Guerra VI 438) menciona Melquisedeque como um chefe cananeu (*dynastēs*). De acordo com Josefo, Melquisedeque foi o primeiro a construir um templo e agir como sacerdote de El. Na *Ant.* I 179–181 Josefo em ambos os lugares descreve Melquisedeque como rei e sacerdote, isto é, como uma pessoa histórica. Filo menciona Melquisedeque em três lugares: *De Abr.* 235, *De Congr.* 99, e *Leg. All.* III 79–82. Em *De Abr.* 235 a história de Gen 14:18-20 é recontada e embelezada.

4. Cartas de Amarna

As cartas de Amarna (1400 a.C.) evidenciam o uso da palavra *šedeq* em Jerusalém (Johnson, pp. 34) e também o uso do vocábulo *melek* na formação de nomes próprios (e.g., *Ilu(-i)-milku* e *Abi-milki*; Johnson, pp. 39f). A literatura de Râs Shamrah contém nomes de pessoas semelhantes¹

A historicidade do registro de Melquisedeque é confirmada pelo aparecimento dos termos *El* e *Elion* na literatura *ugarítica* e *fenícia* como nomes de divindades. Os dois termos também ocorrem juntos em uma inscrição em aramaico de Sujin (M. H. Pope, *El in the Ugaritic Texts* [SVT, 2; 1955], pp. 55–58).²

KAI H. DONNER & W. Röllig, Kanaanäische und aramäische Inschriften

¹Bromiley, Geoffrey W.: *The International Standard Bible Encyclopedia, Revised*. Wm. B. Eerdmans, 1988; 2002, S. 3:312

SVT *Supplements to Vetus Testamentum*

²Bromiley, Geoffrey W.: *The International Standard Bible Encyclopedia, Revised*. Wm. B. Eerdmans, 1988; 2002, S. 3:313

Heb 7:1 apresenta dificuldades. Onde é que o autor obteve o material para esta descrição de Melquisedeque? (1) Melquisedeque é dito ser “sem pai, sem mãe, (ie) sem genealogia”. (2) ele é descrito como “não tendo princípio de dias nem fim de vida”, ele “permanece sacerdote para sempre”.

A resposta, está nos registros de Amarna, entre os quais, pelo menos, 6, 8, cartas falam de um rei de Urusalim no tempo de Amenófis IV, rei do Egito. Urusalim deve ser identificada com Jerusalém, e os registros pertencem cerca de 1400 a.C.

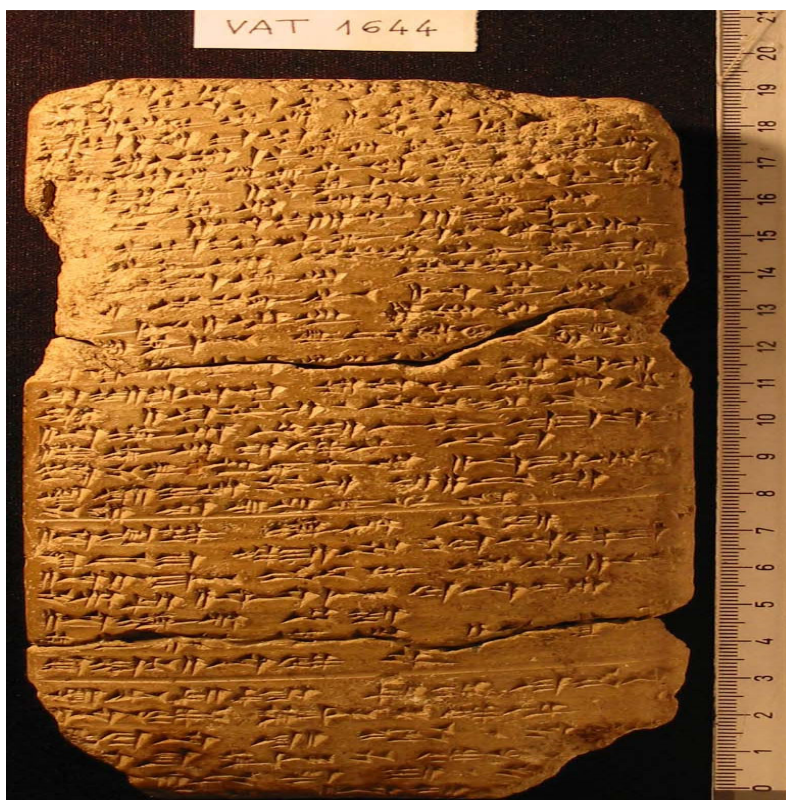
O nome do rei é dado como Abd-Khiba (GA Smith, Jerusalém, II, 14, nota 7, lê Chiba). Zimer, diz que a pronuncia pode ser Abditaba, e Sayce utiliza a forma `ebhedh tobh (ZA, 1891, 246, HDB, III, 335b).

EA 287

Texto: VAT 1644 (not collated).

Cópia: WA 103; VS 11, 163.

Fotografia: A. Jepsen, ed., *Von Sinuhe bis Nebukadnezar* (EA 244, headnote), pl. 29.



001 [a-na mLUGAL]-ri EN-ia [qi₂-bi-ma]
 002 [um-ma m] IR₃ -**hi-ba** IR₃ -ka -[ma a-na]
 003 [GIR₃.MEŠ] EN-ia 7-ta -[a-an u₃ 7-ta-a-an am-qut-mi]
 025 [a]-mur KUR URU **u₂-ru-ša₁₀-lim** an-ni-ta
 026 la-a LU₂ AD.DA.A.NI la-a um-mi-ia
 027 na-ad-na-an-ni : " ŠU : " zu-ru-uḥ [LUGAL-ri] KALAG.GA
 028 na-ad-na-an-ni a-na ia-a-ši
 029 a-mur ip-ša an-ni-u₂ ip-ši mmil-ki-ili
 030 u₃ ip-ši DUMU.MEŠ la-ab-a-ya
 031 ša na-ad-nu KUR LUGAL-ri LU₂.MEŠ <a-na> **ḥa-pi₂-ri**
 032 a-mur LUGAL EN-ia **ša-du-uq a-na ia-a-ši**
 033 aš-šum LU₂.MEŠ ka-ši-yi li-iš-al-mi
 034 LUGAL-ri LU₂ MAŠKIM₂.MEŠ e-nu-ma KALAG.GA E₂ ma-gal
 035 u₃ u₂-ba-a'₂-u₂ ar-na kab-ta GAL

1-3 [Diga ao rei], me [u] senhor: [Mensagem de .Ab]di-Ḥeba, se[u] servo. [Eu me lanço aos seus pés] do meu senhor 7 v[ezes e 7 vezes

25-32 Considere Jerusalém! Isso nem meu pai nem minha mãe me colocaram neste lugar. O poderoso braço: *zu-ru-uḥ* (braço) [do rei] me estabeleceu.⁷ Considere a ação! Este é o ato de Milkilu e a escritura dos filhos de Lab.ayu, que deram a terra do rei aos .Apiru. Considere, ó rei, meu senhor! Eu estou correto!⁸

O rei diz a seu senhor egípcio: “Nem meu pai nem minha mãe me colocaram neste lugar: o poderoso braço do rei (ou, de acordo com Sayce, o braço do poderoso rei) me estabeleceu na casa de meu pai (carta 102 da coleção de Berlim, ll 9-13; também o número 103, ll 25-28; número 104, ll 13-15; ver, ainda, H. Winckler, *Die Thontafeln von Tell-el-Amarna*; Knudtzon, *Beitrage zur Assyriologie*, IV, 101 ss, 279 ss, citado por GA Smith, *Jerusalém*, II, 8, nota 1).

⁷ EA 286, n. 2. On ¹⁴AD.DA.A.NI, logograma com sufixo pronominal (cf. EA 3, n. 2), veja *Jerusalem Scribe*, p. 163 n. 52, e Huehnergard, *Ugaritic Vocabulary*, p. 48 n. 2, e suas críticas por Weippert, *UF* 6 (1974) pp. 415ff. (The DUMU.A.NI *iš-ki-ba-al*, *Iraq* 32 [1970] p. 27:2, deve ser lido, com I. Gelb, *DUMU A-ni-iš-ki-ba-al*; comunicação privada de C. B. F. Walker.

⁸*šaḍuq ana iyāši*: tradução de acordo com o texto de Albright (acusações criminais contra os inimigos), mas o assunto impessoal assumido —lit. “é certo para mim”—é difícil; veja Feigin, *JQR* 34 (1943-44) pp. 443ff. Para uma versão diferente, “é o rei, meu senhor, que é *šaḍuq* para mim,” *šaḍuq* = “generoso,” veja H. Cazelles, *JANES* 5 (1973) p. 76.

Torna-se assim claro que possivelmente a tradição identificou Melquisedeque com Khiba. De qualquer forma, a ideia de que Melquisedeque era “sem pai, sem mãe, (i.e) sem genealogia” pode facilmente ser explicada se as palavras de Khiba sobre si mesmo poderia ter sido também atribuída a Melquisedeque.

Por que Melquisedeque, e só ele, de todos os personagens do Antigo Testamento é falado dessa forma?

As conclusões que se tem são:

(1) Havia uma tradição em Jerusalém de que Melquisedeque era um rei pré-israelita, que também era sacerdote de 'El 'Elyon. Esta é a origem do Gen 14:18 onde 'El 'Elyon é identificado com o Senhor.

(2) O salmista faz uso de uma tradição considerando-se sucessor de Melquisedeque (Sl 110)

(3) A Epístola aos Hebreus faz uso do Sl 110, como sendo uma profecia a Cristo. Sayce, Driver e Hommel nas expositivo Times, VII, VIII.

A opinião geral entre os judeus era que Salém era a mesma Jerusalém, como afirma Josefo (Ant., I, x, 2), que acrescenta (VII, III, 2), que era conhecido como Solyma (Grk: Salumã, variantes, de acordo com Whiston, Grk: Salem e Grk: Hierosolyma) no tempo de Abraão.

Também foi relatado que a cidade em seu tempo fora chamada de Solyma por Homero, e acrescenta que o nome em hebraico significa “segurança”. Esta identificação com Jerusalém foi aceito por Onkelos e todos os Targuns, bem como pelos primeiros cristãos.

Ebeling, pp. 375f.; C. Mullo Weir, in D. Winton Thomas, ed., *Documents from Old Testament Times* (London, 1958), pp. 39f.; Albright, *ANET*; p.488; Freydank, in A. Jepsen, ed., *Von Sinuhe bis Nebukadnezar*, pp.102f.; Seux, *Textes du Proche-Orient*, pp. 55ff.

Shalem

1. O que é Shalem.

Shalem (presumivelmente relata o poder divino simbolizada por Vênus como a estrela da noite) ocorre como uma divindade (*Šlm/Salim*) nos textos de Ugarit e pode muito bem ocorrer como nome divino *Šalim/Salim* em nomes pessoais entre os semitas mais antigos conhecidos da Mesopotâmia e posteriormente os amorreus.

Shalem é interpretado como um nome divino nos nomes de lugares de Jerusalém (*yērūšālam*) e Salem (*Šālēm*), também é interpretado como um elemento teofórico em alguns nomes pessoais, nomeadamente as dos filhos de Davi, Absalão (*Abšālôm*) e Salomão (*Šēlōmōh*).

2. O KTU (Keilalphabetischen Texte aus Ugaritos, textos cunhados de Ugarit)

O breve texto mitológico ugarítico *KTU* 1.23, conhecidos como “Os Deuses graciosos e bonitos”, é a fonte mais importante sobre o deus Shalem. Neste texto, principalmente um ritual de fertilidade, *Šalim* (estrela da noite) está relacionada com *Šahar* (estrela da manhã) como prole da cabeça do panteão, →El, e duas “mulheres” que ele encontrou à beira-mar.

Nos textos de Ugarit, Shalem também ocorre separadamente na lista de deuses (Ug *Šlm*; Akk *Salimu*). As ocorrências de *šlm/šalim* em nomes pessoais em Ugarit podem ser tomadas como um nome divino ou como um epíteto (*RSP* Ras Shamra Parallels, ed. S. Rummel, 3.487).

Alguns caracterizam Shalem além da evidência de Ugarit, e.g. como relacionados com o sacrifício de crianças (Stolz 1970:205–209). As primeiras atestações de *Šalim/Salim* ocorrem no período pré-Sargônico e nomes pessoais no período Sargônico (Gelb 1957:273; Roberts 1972:51, 113). Em muitos dos nomes pessoais *Šalim/Salim* pode ser interpretado como uma divindade (tal como é conhecido a partir de Ugarit). As últimas ocorrências possíveis de divindade semita de *Šalim* se veem em nomes pessoais em fenício e púnico (Benz 1972:417–418).

2.1. El o pai de Shalem.

El era o pai de Salim nos registros ugaríticos e também na mitologia. Salém (que se sobrepõe semanticamente com Shalom) pode ser visto como o reconhecimento do deus cananeu Shalém, e muitos estudiosos assim argumentam (Gray 1965: 185–186; Stolz 1970:9, 204). Havia um culto a Shalém em Jerusalém, e também a *Šedeq* (Gray 1965:184–185; Stolz 1970).

KTU M. Dietrich, O. Loretz & J. Sanmartín, Die keil-alphabetische Texte aus Ugarit (AOAT 24)
Ug Ugaritica
Akk Akkadian

Elyon

1. Introdução.

Derivado do verbo hebraico *‘ālâ*, que significa “subir”, *‘elyôn* no Antigo Testamento pode ser usado tanto como um adjetivo, descrevendo algo que é espacialmente mais elevado do que qualquer outra coisa (superior, maior), ou como um substantivo, usado principalmente em referência à divindade “mais alta”.

Como um nome divino, Elyon aparece em associação a outras formas divinas (e.g. Ps 9:3; Isa 14:14), em combinação com outros nomes divina (Yahweh, Elohim [→God], →El e.g., Pss 7:18; 57:3; 73:11) ou em associação com elementos divinos menores (*bēnē ‘elyôn*, Ps 82:6; cf. Referências para aramaico *qaddîšē ‘elyônîn* em Dan 7:18, 22, 25, 27).

Na Septuaginta *‘Elyôn* é traduzido para *Hypsistos*. O vocábulo Elyon é atestado em outros textos do antigo Oriente Médio como o aramaico, fenício, ugarítico e grego. Como um elemento teofórico Elyon também pode ser rastreado em nomes pessoais sul-semita.

A fim de entender o caráter e o papel de Elyon, deve primeiro ser determinado se a palavra se refere a uma divindade ou funções independentes sempre como um epíteto para outro deus.

2. Fragmentos de Sanchuniathon’s

O exemplo mais claro de Elyon funcionando de forma autônoma é encontrado nos fragmentos de Sanchuniathon’s “Teologia fenícia” preservado por Eusébio (*Praep. evang.* 1.10.15–29).

De acordo com Sanchuniathon, um certo Elioun, chamado “Altíssimo” (*Hypsistos*) habitou na cidade de Biblos, juntamente com sua esposa, Berouth. Dos quais nasceu um filho, Epigeius, ou Autóctone — que mais tarde foi chamado de Urano (Céu) e a filha, Ge (Terra).

Algum tempo depois, Elioun morreu em um encontro com animais selvagens e por isso foi deificado. Seus filhos também se tornaram divindades, e através da união de Urano e Ge, o deus Cronos nasceu. Mais tarde a união de Urano e sua amante nasceram Zeus (Demarous).

Textos como o Hurro-hitita “filhos de Kumarbi” (também conhecido como realza do Céu), Teogonia de Hesíodo, e vários mitos sobre ugarítico El e Baal → todos tem uma exibição impressionante com a ordem e o funcionamento dos deuses em Sanchuniathon.

3. Genesis 14.18-22

Devido a atestação de El-Elyon em Gn 14:18-22, junto com o título El expandido *qnh šmym w'rs*, Melquisedeque parece ser um representante do culto de El-Elyon, a quem a tradição bíblica associou à cidade de Salem (note que a referência ao Senhor em v 22 está ausente na Septuaginta, Siriaco, 1QapGen, já o Samaritano atesta *l h'lhym*).

Gênesis 14 fornece a única evidência de ligação ao culto de El-Elyon com Jerusalém. Observa-se que o nome Salem sugere links para a divindade astral *Šalim* (→Shalem). Além disso, os nomes de Melquisedeque (Meu rei é Šedeq) e Adonizedeque (Meu Senhor é Šedeq, Jos 10:1), ambos são identificados como reis de Jerusalém.

Estas deidades, Shalim e Šedeq, são pelo menos tão provável que tenham sido adoradas nas liturgias em Jerusalém no período pré-israelita (Seow 1989:43–47).

4. O vocábulo *hypsistos*.

No Novo Testamento *Hypsistos* é um título decididamente de Lucan para Deus (Trebilco 1989:58). Usado cinco vezes no Evangelho de Lucas (1:32, 35, 76; 6:35; 8:28) e duas vezes em Atos (7:48; 16:17), *hypsistos* só é atestada em dois contextos não-Lucano-uma vez em Marcos (5:7), e uma vez em Hebreus (7:1, que é uma citação de Gen 14:18). No Evangelho de Lucas, o termo é empregado no anúncio do anjo a Maria → que seu filho será chamado “Filho do Altíssimo” (*huios hypsistou*; Luke 1:32) e que o “poder do Altíssimo” virá sobre ela (*dynamis hypsistou*; Luc 1:35).

Em Lucas 1:76, Zacarias prediz que seu filho vai ser chamado de “profeta do Altíssimo” (*prophētēs hypsistou*). Aqueles que amam os seus inimigos são chamados de “filhos do Altíssimo” por →Jesus (*huioi hypsistou*; Luc 6:35), e os demoníacos geraseno identificaram Jesus como “filho do Deus Altíssimo” (*huie theou tou hypsistou*; Luc 8:28 par. Marc 5:7; cf. Mat 8:29).

Em Atos, Estevão afirma que “o Altíssimo” (*ho hypsistos*; At 7:48) não habita em templos feitos por mãos humanas, e uma escrava de Filipos declara que Paulo e seu grupo são “servos do Deus Altíssimo” (*douloi tou theou tou hypsistou*; At 16:17). Parece que Lucas emprega o termo *hypsistos* ou *ho hypsistos* em contextos judaicos e *ho theos ho hypsistos* em contexto gentílico.³

³Elnes, E. E. ; Miller, P. D.: Elyon. In: van der Toorn, Karel (Hrsg.) ; Becking, Bob (Hrsg.) ; van der Horst, Pieter W. (Hrsg.): *Dictionary of Deities and Demons in the Bible*. 2nd extensively rev. ed. Leiden; Boston; Köln; Grand Rapids, MI; Cambridge : Brill; Eerdmans, 1999, S. 298

O vocábulo El

1. Definição Etimológica de EL

אֵל origina-se do verbo אָוַל, אָיַל, cujo significado se tem: forte, poderoso, um herói, comparado com o vocábulo. A Septuaginta relata ἄρχων ἐθνῶν. (Muitas cópias têm אֵל נְוִיִּים, por exemplo, as da Babilônia.) Isa. 9:5, אֵל גְּבוּר, “herói poderoso”. [A mesma pessoa é claramente destinado em ambos os lugares, até mesmo “Deus conosco.”] Quase conectado com isso é a frase no plural. Eze. 32:21, אֵלֵי נְבוּרִים (23 atestações אֵילֵי). “O forte entre os poderosos”, ou seja, os heróis mais poderosos (Lehrg. p. 678. Jo 41:17, אֵלֵי, onde muitos Mss e edições relatam אֵילֵי⁴

Repartição semítica exceto para o Eth., DISO 13f, Canaanita אֵלֵת (?) Driver Sem. *Writing* 101, 199; Ug *il*, pl. *ilm*, raramente *ilhm*, *ilnym*, construto. *il*, *ily* (1 ×), fem *ilt*, pl. *ilht*; Ph (Röllig F Schr. Friedrich 403ff) אֵל, אֵלֵן, pl. אֵלֵם, אֵלֵנֵם, *alonim* e *alonuth* Poenulus 930; Arm אֵל; Arb. *il*, fem. *al·ilāt allāt*, *Allāt* Littmann *Thamud* 105f; WbMyth. 1:422ff; VG 1:334; OSArb. אֵל, pl. אֵלֵתֵת (Höfner §88); Akk. *ilu*, fem. *iltu*, pl. *ilāti*. —2. esp. bem distribuído em WSem. ed Akk., אֵלֵי formas:

a) apelativo deus, deusa, b) especial de magnitude, deus El (Ug. Ph. Ἡλ, Ἴλος, Harris 77; Arm. Akk. OSArb. Ryckmans 1:2f. אֵוַל, força, Deus, ou estar na frente, líder, ou tribo, chefe tribal; sua forma estendida é אֵלֵוֹהִים⁵ Deuses, em um sentido mais amplo; usados pelo Senhor e os deuses das nações, Ex. 15:11. Comp. Ex. 18:11; Dan. 11:36, אֵלֵי אֵלֵי “Deus dos deuses,” i.e. o supremo Deus. Sl 29:1; 89:7, “filho dos deuses,” por uma expressão idiomática do hebraico e siríaco, a sintaxe poética registra “filhos de Deus”, isto é, os anjos.

Nota. A maioria dos etimologistas tem o vocábulo אֵלֵי derivado de אָוַל; de modo que os Hebreus utilizaram a palavra para conotar força e poder. No entanto, deve-se observar que nas línguas Semíticas e no Fenício a forma אֵל (Arabic اَيْلٌ, اَيْلٌ & اَيْلٌ), é utilizada para formar outras palavras derivadas, como אֵלֵי para invocar Deus, especialmente no juramento; אֵלֵי, אֵלֵי para adorar a Deus; e אֵלֵי, אֵלֵי Deus (compare אֵלֵי O pai, אֵלֵי אֵלֵי).

⁴Gesenius, Wilhelm ; Tregelles, Samuel Prideaux: *Gesenius' Hebrew and Chaldee Lexicon to the Old Testament Scriptures*. Bellingham, WA : Logos Research Systems, Inc, 2003, S. 45

Eth. Ethiopic, including Ge·ez; Amh.; Har.; Tigr.; Tigrin; → Dillmann; Leslau; Littmann; Ullendorff; Eth.^G. Ge·ez; → Bergsträsser *Einführung* 96ff; Brockelmann *Vergl. Gr.* 1:30

DISO → Jean-H. *Dictionnaire*

Poenulus → Szynger *Poen*.

Arb. Arabic; → Lane *Lexicon; Lisān; Tāj Ar.*; Wehr *Wörterbuch*; WKAS

VG → Brockelmann *Gramm*.

OSArb. Old South Arabian including Min.; Himyr.; Qatab.; Sab.; Hadr.; → Conti *Chrest.*; Müller *Altsüdarab.*; Höfner *Altsüdarab*.

Akk. Akkadian; often followed by references to AHW. or CAD

⁵Koehler, Ludwig ; Baumgartner, Walter ; Richardson, M.E.J ; Stamm, Johann Jakob: *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. electronic ed. Leiden; New York : E.J. Brill, 1999, c1994-1996, S. 48

2. Atestação do vocábulo

O substantivo *·ēl* ocorre 230 vezes no AT (exceto os testemunhos problemáticos em Num 12:13; Sl 52:3; Jo 41:17).

2.1. O uso na Septuaginta. Na Septuaginta o correlato é Θεός. As exceções são ισχυρός (2 Sam 22.31-33; 23:5; Sl 7:11; várias vezes em Jó; Nem 1:5; 9:31), ύψηλός (Lam 3:41), ἄγγελος (Isa 9:5; Jo 20:15), μάρτυς (Isa 43:12), κύριος (e.g. Isa 40:18; Sl 15 [16]:1; Jo 5:8). Jo 20:29 lê ἐπίσκοπος; Isa 7:14 construto Ἐμμανουήλ, Isa 8:8, 10 porém μεθ' ἡμῶν ὁ θεός. O *kōkēbē ·ēl* de Isa 14:13 é registrado na Septuaginta de outra forma ἄστρα τοῦ οὐρανοῦ.

2.2. O uso na Vulgata. A Vulgata normalmente lê *deus* para *·ēl*. Algumas exceções podem ser notadas como: 'fortis' (Ex 15:11; Jer 51:56; Sl 94 [95]:3); 'fortissimus' (Jer 32:18); 'dominus' (Sl 15 [16]: 1; Sl 35 [36]:7; Sl 150:1; Lam 3:41). Outras peculiaridades são 'filii Israhel' (Deut 32:8—como o TM) e a tradução de *·ēlīm* (Sl 28 [29]:1).

2.3. O uso na Mesopotâmia. Na antiga Mesopotâmia *ilu* é atestado como um substantivo para as divindades. *Ilu* como uma divindade foi atestada em Emar (D. ARNAUD, *Recherches au Pays d'Aštata. Emar VI/3* [Paris 1986] No. 282:16–18: ^d*Ilu*). A posição ocupada por El no panteão Ugarítico pode ser comparado com a posição de Ea (→Aya) na Mesopotâmia, na lista dos deuses Ea é comparado com Kothar (W. G. LAMBERT, *The Pantheon of Mari, MARI 4* [1985] 525–539; E. LIPIŃSKI, Éa, Kothar et El, *UF 20* [1988] 137–143).

2.4. O uso em Ras Shamra. Os textos ugaríticos de “Ras Shamra” fornecem mais de quinhentas referências a El. O substantivo *il* nos textos ugaríticos frequentemente tem o significado no apelativo, especialmente na literatura epistolar, mas em parte também nos textos mitológicos, culto, e épico. Metade das ocorrências, El denota uma deidade distinta que reside na montanha sagrada, ocupando dentro dos mitos a posição de mestre do panteão ugarítico.

El está descrito como *qdš* “santo” (*KTU 1.16 i:11, 22*) e aparece como uma divindade (→Ancião de Dias); com cabelo grisalho (*šbt dqn KTU 1.3 v:2, 25; 1.4 v:4; 1.18 i:12*). O epíteto frequentemente emprega *lṭpn il dpid* “o benevolente, bem-humorado El” (e.g. *KTU 1.4 iv:58; 1.6 iii:4, 10, 14; 1.16 v:23; LORETZ 1990:66*) caracteriza a divindade ainda melhor.

El recebeu uma sabedoria diferente que proporcionava julgar tudo corretamente (*KTU 1.3 v:30; 1.4 iv:41; v:3–4; 1.16 iv:1–2*). Por outro lado, El é conhecido como aquele que é capaz de curar doenças (*KTU 1.16 v:23–50; 1.100; 1.107; possivelmente também KTU 1.114; cf. 1.108 e ARTU 191–203*).

MARI MARI Annales de recherches interdisciplinaires

UF Ugarit-Forschungen

ARTU J. C. de Moor, *An Anthology of Religious Texts from Ugarit*

2.5. Textos mitológicos. Nos textos mitológicos, El é descrito frequentemente como o pai de outros deuses. Além disso, ele é chamado no épico de Keret de *ab adam*, “pai da humanidade”, obviamente, porque ele é o criador da humanidade. A construção *bn̄y bnwt* ocorre várias vezes nos mitos e uma vez no épico de Aqhat. A expressão El’s refere-se a atividade criativa. Tradicionalmente *bn̄y* tem sido entendido como o particípio do tronco G e *bnwt* como um substantivo derivado da mesma raiz. Assim, a construção é traduzida como “criador das criaturas”. Nas cartas de Ras Shamra 24.244 e 24.251 tornaram-se conhecidas, esta interpretação não é mais incontestável, como *bnwt* ocorre alheio nesses documentos (*KTU* 1.100:62; 1.107:41, corretamente restaurado).

Em relação à humanidade El abençoa Keret e *Dan.il* a fim de dar-lhes descendentes (*KTU* 1.15 ii:16–28; 1.17 i:25. 42). A procriação mítica dos deuses, pelo contrário, poderia ter sido reconhecida em Ugarit embora a base textual é pequena (*KTU* 1.10 iii:5; 1.23; M. DIETRICH & O. LORETZ, *TUAT* II [1986–89] 350–357; *ARTU* 117–128).

No *KTU* 1.3 v:36; 1.4 iv:48 e 1.10 iii:6 El é descrito como aquele que designou →Baal como Rei. O verbo usado para descrever a ação é *kn* [*kwn*], no entanto, não significa “criar”. O verbo ugarítico usado para “criar” é *qny*. Ele é utilizado em relação aos deuses no *KTU* 1.10 iii:5.

Tem sido sugerido que El foi privado de sua autoridade no curso da história e relegado a uma posição inferior no panteão ugarítico. Várias observações foram destinadas a apoiar esta suposição (POPE 1955:90–104; 1987:227–229; OLDENBURG 1969).

2.6. Textos em Aramaico, Fenício etc. Em aramaico como também em inscrições Fenícias, Púnicas e Neo-púnica o substantivo *ʾl* foi usado como apelativo, no sentido de “deus, divindade” ou como adjetivo “divino”. Este uso do termo também é conhecido a partir dos textos ugaríticos de Ras Shamra. No entanto, El também foi usado como nome próprio, por exemplo, quando El é mencionado ao lado de outros deuses. Este é o caso da inscrição em aramaico de Panammuwa I, rei de *Sam.al* (*KAI* 214) datando em meados do século VIII a.C. O texto menciona os deuses → Hadad, EL, Resheph → Rakib-el e Shamash (→ Shemesh), como benfeitores da Panammuwa, concedendo-lhe a realeza e bem-estar de seu estado (*KAI* 214:l. 2. 11. 18). Os deuses Hadad, EL, Rakib-el e Shamash são encontrados também na fórmula de encerramento da inscrição na estátua de Panammuwa II.

A inscrição Fenícia de Karatepe que data do final do século oitavo a.C cita ao lado de outros deuses *ʾl qn ʾrṣ* “El-criador-da-Terra” (*KAI* 26 A III:18). Ela se qualifica como El criador da Terra. O nome tem raízes antigas, como testemunhado pelo nome divino ^d*El-ku-ni-ir-ša* em um mito descoberto em Boghazköy. Deve-se ressaltar que em nenhum lugar nas inscrições fenícias e púnicas El é mencionado como Deus dos outros deuses (RENDTORFF 1966).

1. El foi distinto do YHWH

A população da Palestina no primeiro milênio a.C já sabia sobre a divindade El. Alguns estudiosos informam que os israelitas adoravam El como um deus diferente do YHWH (SCHMIDT 1971:146). Como resultado, o Antigo Testamento contém textos, onde o nome cananeu é ainda reconhecível. Nestes poucos exemplos El refere-se a uma divindade diferente do YHWH (Already F. C. MOVERS (*Die Phönizier* 1 [Bonn 1841] 389).

A expressão *·ēl ·ēlōhē yiśra.ēl*, “El, o Deus de Israel” (Gen 33:20) e *hā.ēl ·ēlōhē ·ābikā*, “El, o Deus de teu pai”, (Gen 46:3) o contexto atual de ambas as frases relaciona-os com o patriarca Jacó e seu Deus, em quem ninguém menos do que o Senhor pode ser visto (SMITH 1990:11). No entanto, é o El dos cananeus que é descrito aqui como o Deus de Israel. Com toda a probabilidade Gen 33:20 representa uma antiga tradição. Isso mostra que El era adorado pelo menos por alguns dos proto-israelitas (O. LORETZ *Die Epitheta ·l ·lhj jśr.·l* [Gn 33, 20] und *·l ·lhj ·bjk* [Gn 46, 3], *UF* 7 [1975] 583).

1.1. El em Isaias 14. A visão de que El era adorado entre os israelitas é apoiado por Isa 14:4b–20, uma lamentação sobre a queda de um governante universal. O texto relata que o tirano pretende subir ao céu, a fim de estabelecer o seu trono acima do *kōkēbē ·ēl*, “Estrelas de El”, e, assim, estabelecer-se sobre a montanha divina no extremo norte (v 13).

Esta foi uma tentativa de exercer domínio sobre o universo, algo tradicionalmente reservado para El, o senhor divino. O texto faz alusão às tradições cananeias (POPE *KAI* 277: CROSS 1973:272).

1.2. El em Ezequiel. Outro traço do culto a El no Israel antigo é encontrado em Ez 28:2 (*pace* CROSS 1973:271). O rei de Tiro considerava-se um deus e pensava que possuía uma residência divina no meio do mar (→Melqart). Aqui, as alusões à mitologia Cananéia são inconfundíveis. A residência de El (*mtb il*) é referido no *KTU* 1.3 iv:48; v:39; 1.4 i:12; iv:52. A morada mítica de El situa-se na *mbk nhrm* “a fonte dos dois rios” (*KTU* 1.2 iii: 4; 1.6 i:33–34).

Outras dicas para a adoração de El são dadas pelos nomes *·ēl bērit* (Baal Berith; Jz 9:46), *·ēl ·ōlām* (Gn 21:33), *·ēl ·ēlyōn* (Deus Altíssimo; Gn 14:18–22; Sl 78:35), *·ēl rōi* (Deus que vê; Gn 16:13), e *·ēl šadday* (Gn 17:1; 28:3; 35:11; 43:14; 48:3; 49:25 [cj.]; Ex 6:3; Ez 10:5) bem como por construções contendo o genitivo El: *bēnē ·ēl* (Deut 32:8. 43; A Septuaginta tem: $\nu\iota\omicron\iota\ \theta\epsilon\omicron\upsilon$; 4QDtng *bny ·l[hym]*; P. W. SKEHAN, Um fragmento do “cântico de Moisés” (Deut. 32) de Qumran, *BASOR* 136 [1954] 12–15; O. LORETZ, *Die Vorgeschichte von Deuteronomium* 32, 8f.43, *UF* 9 [1977] 355–357) respectivamente *bēnē ·ēlīm* (Sl 29:1; 89:7), *mō.ādē ·ēl* (Sl 74:8), e *·ādat ·ēl* (Sl 82:1; H. NIEHR, Götter oder Menschen – eine falsche Alternative: Bemerkungen zu Ps 82, *ZAW* 99 [1988] 94–98).

W. ½eld numbers of tablets excavated at Warka
BASOR Bulletin of the American Schools of Oriental Research
ZAW Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft

A identificação de El com o YHWH abriu a possibilidade de adoção de ideias e conceitos relacionados com a religião El. Um caso problemático é a designação *.ēl qannā.* (*qannô.*), “Deus zeloso” para YHWHr (Ex 20:5; 34:14; Deut 4:24; 5:9; 6:15; Js 24:19; Na 1:2) uma vez que na literatura ugarítica “o zelo” e o comportamento violento é uma característica não de El, mas da deusa →Anat (*KTU* 1.3 v:22–25; 1.17 vi:41–45; 1.18 i:9–12).

É mais fácil encontrar o antecedente para a caracterização do Senhor como

יְהוָה יְהוָה אֱלֹהֵי רַחוּם וְרַחוּן אֶרֶץ אֲפִים וְרַב־חַסֵּד וְאֱמֶת

“YHWH, YHWH Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade” (Ex 34:6; Jon 4:2; Joel 2:13; Sl 86:15; 103:8; 145:8; Ne 9:17. Esta frase é relacionada com o epíteto de El de Ugarit (SMITH 1990:10).

As inscrições fenícias de Karatepe revela El como um deus-criador. Por isso que a população Cananeia da Palestina assumiu o ponto de vista de El como criador, que foi no final aplicada ao YHWH.

A visão de que a humanidade foi a criação do YHWH é conhecido a partir de fontes que não são anteriores ao século VII a.C (Gn 2:7. 22; Ex 4:11; Deut 4:32; 32:6. 15; Isa 29:16; Os 8:14; Prov 14:31; 17:5; 22:2; 29:13 [cf. 20:12; Sl 139:13]). No entanto, também deve ser levado em conta que a ideia do YHWH como criador foi emprestado pelos israelitas do fenício →Baal-shamem (H. NIEHR, *Der höchste Gott* [BZAW 190; Berlin New York 1990] 119–140).